

# O nosso maior perigo: A rigidez

Bob Pearson



Ilustração da seção de encerramento da 36ª Conferência de Serviços Gerais  
no Salão Nobre do Hotel Roosevelt em Nova York, em 26 de abril de 1986

Este exemplar pertence a

Rev. abril 2010

# Para entender melhor:

- 1) A literatura nos primeiros tempos da Irmandade. Seus principais autores e sua influência.
  - 2) A admissão de usuários de outras substâncias além do álcool na Irmandade. O início de outras associações e irmandades baseadas na filosofia e no programa dos Doze Passos de A.A.
    - ✓ Adictos Anônimos
    - ✓ Narcóticos Anônimos (NA)
    - ✓ Toxicômanos Anônimos (TA)
    - ✓ Al-Anon e Alateen
    - ✓ Neuróticos Anônimos (N/A)
    - ✓ Outros Problemas Além do Álcool
  - 3) As consequências nos Grupos dos EUA da aplicação de Lei Hughes promulgada pelo Congresso americano em 1970.
    - ✓ Do que trata esta lei.
    - ✓ Quem participou de sua elaboração.
    - ✓ A manifestação oficial do GSO através do Box 4-5-9 em relação às providências adotadas pelos Grupos.
  - 4) As relações da Irmandade com as clínicas de tratamento, seus clientes e os profissionais.
- Conclusão

**Muito Importante:** *As transcrições a seguir foram feitas por um AA unicamente para membros de A.A. Embora se trate de um texto menor, seu propósito é levar aos novos membros um mínimo do conhecimento básico da história de A.A. e incentivá-los a se aprofundarem na pesquisa de nossas raízes e na preservação da linguagem universal de A.A. Não pretende absolutamente dizer a quem quer que seja o que e como fazer nem obriga a concordar com todo nem sequer com parte do texto, mas auxiliar na formação de opinião através da procura da informação correta, livre de distorções, interpretações personalistas terceirizadas ou conveniências momentâneas.*

*Todos os dados históricos foram extraídos da literatura oficial da Irmandade, porém não se propõem a substituí-la em seu contexto; no confronto, se houver, deverá sempre prevalecer o entendimento oficial da Irmandade. Grande parte dos dados coletados é resultado de pesquisas em sítios na internet aos quais este transcritor atribuiu confiabilidade, mas, deverão sempre ficar sujeitos a comprovação e verificação por parte de qualquer leitor interessado na asseveração dos fatos.*

# O nosso maior perigo: A rigidez

*Bob Pearson (1917-2008) foi Gerente Geral do Escritório de Serviços Gerais (GSO), em Nova York, entre 1974 e 1984 e depois serviu como conselheiro sênior para o GSO, de 1985 até sua aposentadoria. Sua história está contada nas 3ª e 4ª edições do Big Book com o título "A.A. taught him to handle sobriety" (numa tradução livre, "Os ensinamentos de A.A. para alcançar a Sobriedade").*

*No encerramento da 36ª Conferência de Serviços Gerais em 26 de abril de 1986, no Hotel Roosevelt em Nova York, Bob Pearson deu uma poderosa e inspiradora palestra de encerramento. Foi um momento especialmente significativo, pois sabia que iria se aposentar no ano seguinte, e que esta seria sua última Conferência de Serviços Gerais.*

*Os excertos seguintes foram retirados do seu discurso de despedida tal como publicados no relatório final daquela Conferência.*

“Esta é minha 18ª Conferência de Serviços Gerais - as duas primeiras como diretor da Grapevine e AAWS (Serviços Mundiais de A.A.), seguidas de quatro como administrador de Serviços Gerais. Em 1972 me desliguei completamente, até ser chamado de volta dois anos depois para servir como gerente geral do GSO, onde permaneci até o final de 1984. Desde a Convenção Internacional de 1985 tenho sido consultor sênior. Esta foi também a minha última conferência e, portanto, carregada de muita emoção.

Eu gostaria de ter tempo para expressar meus agradecimentos a todos que têm contribuído com a minha sobriedade e para a vida com alegria com que eu tenho sido abençoado ao longo dos últimos quase 25 anos. Mas como isto é obviamente impossível, vou voltar atrás lembrando o árabe citado por Bill em sua última mensagem: ‘Saúdo-te e dou graças pela tua vida’. Pois sem suas vidas, eu certamente não teria tido a vida incrivelmente rica que eu desfrutei.

**Deixe-me oferecer minhas idéias sobre o futuro do AA.** Eu não acredito no alarme daqueles “diáconos” que têm uma visão pessimista da Irmandade. Pelo contrário, da perspectiva de meu quase quarto de século em A.A., vejo a Irmandade maior, mais saudável, mais dinâmica e, de longe, com crescimento mais rápido, mais globalizado, mais consciencioso, mais simples, e mais espiritual do que quando participei da minha primeira reunião em Greenwich, Connecticut, em julho de 1961. A.A. floresceu para além dos sonhos dos membros fundadores.

**Faço eco aqueles que sentem que, se a Irmandade um dia vier hesitar ou falhar, não será por causa de qualquer causa externa. Não, não será por causa de centros de tratamento ou de profissionais da área, ou da literatura não-aprovada pela conferência, ou dos jovens, ou dos portadores de dependências cruzadas, nem até mesmo dos usuários de drogas tentando assistir às nossas reuniões.** Se nos mantivermos próximos às nossas Tradições e Garantias e se mantivermos a mente aberta e um coração aberto, podemos lidar com esses e outros problemas. Se vacilarmos, falharemos e isso será simplesmente por

nossa culpa. **Será porque não podemos controlar nossos próprios egos e porque somos incapazes de conviver bem uns com os outros. Será porque temos muito medo e insegurança, rigidez, falta de confiança e de senso comum.**

**Se você me perguntasse qual é o maior perigo enfrentado por A.A. hoje, eu teria que responder: a rigidez crescente - a demanda por respostas absolutas para minúcias; a pressão sobre o GSO para ‘reforçar’ as nossas tradições; a triagem de alcoólicos em reuniões; a proibição de literatura não-aprovada pela Conferência; o estabelecimento de mais e mais regras para controlar os grupos e seus membros. Esta tendência à rigidez está nos afastando cada vez mais dos nossos membros fundadores.** Bill, em particular, deve estar dando voltas em seu túmulo, pois ele foi talvez a pessoa mais permissiva que eu já conheci. Uma de suas frases preferidas era: *"Cada grupo tem o direito de estar errado"*. Ele era irritantemente tolerante com seus críticos, e ele tinha fé absoluta na capacidade de AA se auto-corrigir.

Eu também acredito nisso; então, em última análise, não vamos a desmoronar. Nós não iremos falhar ou fracassar. Na Convenção Internacional de **1970** em Miami, eu estava na platéia naquela manhã de domingo, quando Bill fez sua breve e última aparição pública. Ele, muito doente, estava internado no Hospital do Coração naquela cidade e os organizadores decidiram incluir uma rápida aparição no evento. Na manhã daquele domingo, ele foi levado ao palco em uma cadeira de rodas, com tubos ligados a um cilindro de oxigênio; vestindo um ridículo blazer laranja brilhante que o comitê anfitrião tinha arrumado, ele soltou seu corpo angular e quando agarrou o pódio a emoção tomou conta de todos. Eu pensei que os aplausos e gritos nunca iriam parar; as lágrimas escorrendo pelo rosto de todos. Finalmente, em uma voz firme, como o seu antigo eu, Bill falou algumas frases graciosas sobre a multidão enorme incluindo muitos membros vindos do exterior, terminando (como eu me lembro) com estas palavras: *"Quando eu olho esta multidão, eu sei que Alcoólicos Anônimos vai viver mil anos - se for a vontade de Deus"*.

**Fim da transcrição da palestra.**

## **Para entender melhor**

Até a década de 1970, as coisas na Irmandade transcorriam de maneira calma e tranqüila seguindo os preceitos e respeitando as Tradições tal como nossos membros fundadores e predecessores ensinaram. Ninguém na Irmandade se preocupou muito com o tipo de literatura utilizada pelos seus membros, se era a publicada pelo A.A.W.S., aprovada ou não pela Conferência ou qualquer uma de sua escolha, nem sequer existiam restrições a que qualquer alcoólico cruzado participasse das reuniões fechadas e até Grupos permitiam que adictos não alcoólicos assistissem a suas reuniões abertas como ouvintes não-membros. Entretanto, a partir da promulgação pelo Congresso americano em **1970**, de uma lei que dava incentivos para a instalação de centros de tratamento para o alcoolismo e depois para outras drogas, os Grupos foram inundados por uma avalanche de pessoas e conceitos que fugiam

aos princípios e a proposta da Irmandade. E isto causou surpresa, insegurança e medo; para se proteger muitos grupos utilizaram-se da intolerância e da rigidez.

Curiosamente, ao se observar a história a partir de suas origens vamos ver que muitos Grupos de A.A, no Brasil em **2010** estão repetindo, com o agravante da dissimulação, as mesmas coisas que levaram Bob Pearson a chamar a atenção para aquela situação em **1986**.

A seguir um breve apanhado de cada um dos quatro assuntos referidos por Bob Pearson, na sua ordem cronológica: **1) - A Literatura; 2) – A admissão de usuários de outras substâncias além do álcool na Irmandade; 3) – A Lei Hughes; 4) – As clínicas e os profissionais.**

## **1) A Literatura**

A irmandade, desde sua fundação, sempre teve na literatura um de seus pilares de sustentação. Antes da publicação de seu primeiro livro, o “Big Book” ou “Livro Azul” em **1939**, recorria à literatura usada em outras instituições, p.e. o Grupo de Oxford, com as mais diversas tendências, desde a bíblia tradicional cristã e os clássicos liberais protestantes até o pensamento pragmático de *William James (1842 – 1910)*, e jamais colocou qualquer restrição a nenhum tipo de literatura de escolha pessoal que pudesse ser proveitosa para a recuperação ou um melhor entendimento da doença do alcoolismo por seus membros.

A partir da publicação do *Big Book* em **1939**, cujos direitos autorais pertenciam a Bill W. e seu domínio à **Works Publishing, Inc.** – uma editora criada pelo próprio Bill W. e seu sócio Hank P. em fins de **1938**, muitos membros com tendências literárias foram incentivados por seus próprios grupos a discorrer e escrever sobre seu entendimento a respeito do programa e da Irmandade. Sem normas ou procedimentos de registro, desenvolveu-se assim a tradição de que um livro ou panfleto que tratasse de alcoolismo, sua recuperação e do programa de A.A. aprovado pela consciência de um Grupo de A.A., qualquer Grupo, passava a ter validade como literatura de A.A. e outros Grupos e Intergrupais poderiam, a seu critério, adotá-lo para leitura, distribuição e venda em todo o território dos EUA e Canadá. O aval dos Grupos garantia o credibilidade dos autores. Entre a grande quantidade de colaboradores, os pioneiros e veteranos de A.A. destacam quatro escritores cujas obras tiveram, e ainda tem, grande repercussão e ajudam uma infinidade de alcoólicos em sua recuperação:

**1- Bill Wilson (1895 – 1971)** foi o principal autor de *Alcoólicos Anônimos (1939)* (Big Book ou, Livro Azul no Brasil) e em **1953** escreveu *Os Doze Passos e as Doze Tradições*, uma interpretação sua dos enunciados dos Doze Passos do capítulo V do Big Book e das Doze Tradições publicadas em **1946** na sua forma longa. Estes são os dois livros que concentram o pensamento A.A.

Bill W. foi o mais prolífico dos escritores de A.A. Ele recebia pagamento pelos direitos autorais dos livros “*Big Book*” (**1939**), “*Os Doze Passos e as Doze Tradições*”

(1953), “*Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade*” (1957), e “*O Estilo de Vida de A.A.*” (1967), que a partir de 1975 se chamaria “*Na Opinião de Bill*”. A seu pedido não recebia direitos autorais sobre as edições estrangeiras



Bill Wilson

Em 1963 foi assinado um convênio entre Bill e os *Serviços Mundiais de A.A. (A.A.W.S)* - que a partir de 1959 passou a deter a propriedade sobre as publicações de A.A. (este direito era simbolizado por um círculo e um triângulo inscrito delineados até 1993, quando o uso do símbolo foi questionado na justiça americana, sendo então substituído pela expressão “*This is A.A. General Service Conference – approved literature*” ou “*Literatura aprovada pela Conferência de Serviços Gerais de A.A.*” que vigora até hoje).

Este convênio permitia a Bill legar seus direitos autorais a Lois, sua mulher, que, por sua vez, obteve permissão para legá-los a beneficiários aprovados como parte de sua herança, desde que 80% fossem para beneficiários que já tivessem completado 40 anos no momento do convênio (o casal não teve filhos). Com a morte desses beneficiários, os direitos autorais reverteriam para Alcoólicos Anônimos. A seu pedido, Bill não recebia direitos autorais sobre as edições estrangeiras e elas não foram incluídas em sua herança.



Richmond Walker

2-. *Richmond Walker (1892 – 1965)*, foi um empresário de Boston que depois de varias internações, ingressou no Grupo de Oxford onde se manteve sóbrio entre 1939 e 1941; voltou a beber até chegar ao primeiro Grupo de A.A. em Boston em 1942. Mudou-se para a Flórida e fixou residência em Daytona Beach e lá iniciou um Grupo de A.A. Em 1948, a pedido e, com o patrocínio de seu Grupo, juntou cartas, pensamentos e anotações feitas em pequenos cartões que ele carregava no bolso para ajudá-lo em sua própria recuperação; tendo como idéia central o Décimo Primeiro Passo que diz:

“*Procuramos, através da prece e da meditação, (a) melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas (b) o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e (c) forças para realizar essa vontade*”. Ele compilou tudo em forma de meditações num pequeno livro de capa preta que levou o título de “*Vinte e Quatro Horas por Dia*” e nele nos diz como realmente fazer isso. Seu formato baseou-se no guia devocional diário da Igreja Metodista “*No Cenáculo*” (até hoje uma publicação bi-mestral da Editora Cedro, no Brasil). Numa página para cada dia do ano, contém uma passagem da literatura de A.A., uma meditação e uma oração. A primeira impressão foi feita na tipografia do tribunal do condado de Daytona e começou a distribuir o livro em todo o país sob o patrocínio do Grupo Daytona de AA. Após sua primeira publicação imediatamente se tornou o segundo livro mais importante para os AAs, precedido apenas pelo “*Big Book*”.



Em **1954** foi o primeiro livro publicado pela *Fundação Hazelden*, uma instituição para o tratamento do alcoolismo fundada em **1947** numa fazenda de Center City, Minnesota, que tinha adquirido seus direitos - assim como no futuro os de muitos outros livros originados em A.A., uma vez que o tipo de terapia aplicada na clínica e conhecida no mundo todo como “*Modelo Minnesota*”, baseia-se nos Doze Passos de A.A.

O formato deste livro, com algumas adaptações, deu origem aos livros “*Reflexões Diárias*” de A.A. e, “*Coragem para Mudar – Um dia de cada vez no Al-Anon*” de Al-Anon.

Este livro foi traduzido e publicado no Brasil pela primeira vez em **1986** pela editora *Vila Serena*, uma franquia da Fundação Hazelden, onde pode ser adquirido. “Rich”, como era conhecido, escreveu vários artigos e ainda mais dois livros tratando sobre temas referentes à Irmandade: “*Apenas Para Bêbados*”, de **1945**, e “*Os Sete Pontos de Alcoólicos Anônimos*”. Para preservar o anonimato os créditos deste livro são atribuídos à Editora Hazelden, assim como anteriormente o tinham sido para Grupo Daytona de A.A. Seu nome não aparece no livro.

[store-editoravilaserena.locasite.com.br/loja/.../2?...](http://store-editoravilaserena.locasite.com.br/loja/.../2?...)



Ralph Pfau

**3-. Ralph Pfau (1904 – 1967)** escreveu os “*Golden Books*” ou *Livros de Ouro* sob o pseudônimo de *Padre John Doe*, para preservar o seu anonimato. O Décimo Segundo Passo diz: “(a) *Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos (b) transmitir esta mensagem aos alcoólicos, e (c) praticar estes princípios em todas as nossas atividades*”. Os Livros de Ouro nos dizem como fazer a última parte, isto é, como trazer os princípios do programa para nossa vida diária, como tomar decisões no mundo real, e como manter nossas mentes e espíritos em equilíbrio mesmo no meio das tempestades e tensões da vida cotidiana.

Ralph Pfau era um padre de Indianápolis, Indiana, e foi o primeiro sacerdote católico romano a se tornar membro de A.A. onde ingressou em 10 de novembro de **1943** no primeiro Grupo dessa cidade iniciado em 28 de outubro de **1940**.

Em junho de **1947**, Ralph participou de um retiro espiritual de uma semana para os membros de A.A. no *St. Joseph's College* em Rensselaer, Indiana, e como lembrança deu aos participantes um pequeno panfleto com uma capa dourada, chamado “*O Lado Espiritual*”, que continha as curtas palestras que tinha dado para o início das várias sessões de discussão em grupo. Posteriormente, as pessoas começaram a pedir cópias extras para dar aos seus amigos de AA.

Entre **1947** e **1964**, Ralph juntos catorze desses pequenos “*Golden Books*” baseados em suas palestras proferidas nos retiros espirituais para AAs que ele organizava nos EUA e Canadá. Até hoje ainda estão sendo lidos e utilizados na Irmandade: *O Lado Espiritual* (**1947**), *A Tolerância* (**1948**), *As Atitudes* (**1949**), *A Ação* (1.950), *A Felicidade* (**1951**), *As*

*Desculpas (1952), O Apadrinhamento (1953), Os Princípios (1954), Os Ressentimentos (1955), As decisões (1957), A Paixão (1960), A Sanidade (1963), A Santidade (1964) e O Modo de Vida (1964).*

Para ter mais tempo disponível e poder fazer o trabalho para A.A., ele tornou-se capelão do Convento do Bom Pastor em Indianápolis em **1950**, onde, ajudado por uma equipe de três freiras, criou uma pequena editora para imprimir e distribuir os seus *Golden Books* e outros escritos para membros de A.A. no mundo todo.

<http://cgi.ebay.com/Father-John-Doe-Golden-Book-Recordings-LP-Complete-Set>.



Ed Webster

4-. Edward (Ed) A. Webster (1892 – 1971) escreveu *The Little Red Book*, ou *O Pequeno Livro Vermelho* que contém um capítulo para cada um dos Doze Passos. Originalmente o livro foi baseado no *Tablemate* (\*) e tinha o mesmo título deste, “*Alcoólicos Anônimos: Uma Interpretação dos Doze Passos*”, porém, ao ser impresso em **1946** recebeu o nome *Red Book - Livro Vermelho*, pela cor da capa e *Little - Pequeno* em contraposição ao *Big* (Grande) *Book*, cuja capa na primeira edição também era vermelha.

*O Pequeno Livro Vermelho* passou por uma série de edições.

Em cada etapa do processo de revisão, o Dr. Bob colocava notas manuscritas e dava sugestões que Ed Webster acabava incorporando ao livro.

O Dr. Bob - ao contrário de Bill W. não foi um escritor, e este livro é o que mais nos aproxima do seu pensamento a respeito dos Passos. O Dr. Bob o definiu como a melhor descrição de como trabalhar os Passos que já tinha sido escrito. Ele próprio recomendou sua leitura em todos os EUA e Canadá. Até sua morte, em novembro de **1950**, o Dr. Bob insistiu para que o escritório de A.A. de Nova York fizesse cópias e as disponibilizasse para venda no próprio escritório. Curiosamente, em novembro de **1950**, Bill W. respondeu a uma carta de Barry Collins sócio de Webster a respeito do livro e de sua distribuição pelo GSO “...definitivamente *O Little Red Book* veio preencher uma necessidade de A.A. e sua utilidade é inquestionável. A.A. tem um lugar bem definido para este livro. Algum dia eu posso tentar escrever um livro de introdução (aos Passos), e espero que seja um complemento à altura do *Little Red Book*.”

... *Aqui na Fundação não somos policiais, somos um serviço e os AAs são livres para ler qualquer livro que escolherem”.*

Ed Webster ficou sóbrio em Minneapolis, Minnesota, em 13 de dezembro de **1941** ao ingressar no *Grupo Nicollet* daquela cidade. Ele e seu amigo e companheiro de A.A. *Barry Collins* criaram uma pequena editora, a *Coll-Webb Co.*, onde foram impressas e distribuídas cópias deste e outros livros escritos por Ed, sob o patrocínio do Grupo Nicollet em Minneapolis, até a morte de Ed, em **1971**. Após sua morte os direitos de edição foram adquiridos pela Fundação Hazelden. Para preservar o anonimato os créditos deste livro são



atribuídos à Editora Hazelden, assim como anteriormente o tinham sido para Grupo Nicollet de A.A. Seu nome não aparece no livro.

<http://www.amazon.com/The-Little-Red-Book-ebook/dp/B002CQ28F0>

Em **1953** Bill W. escreveu sua própria interpretação dos Doze Passos à qual agregou as Doze Tradições num mesmo livro que passou a ser conhecido nos EUA como “*Doze e Doze*”. Com urgência para pagar os custos de impressão e dificuldade para vender o livro porque seu texto era muito complicado para as mentes ainda confusas pelo efeito de muitos anos de bebida, e baseado num acordo com a editora de Bill, a *Works Publishing, Inc.* o escritório de Nova York retirou o livro de Ed Webster de suas prateleiras abrindo assim o caminho para esse livro, “*Os Doze Passos e As Doze Tradições*”, que junto com o Livro Azul representa o pensamento da Irmandade.

. (\*) *O primeiro trabalho literário de grande alcance feito na Irmandade após a publicação do Big Book em 1939 foi um panfleto intitulado “Alcoólicos Anônimos: Uma Interpretação dos Doze Passos” produzido pelo Grupo de Detroit em 1943, conhecido como “Tablemate”, “Panfleto de Detroit”, “Panfleto de Washington” e outros nomes. Trata-se de uma interpretação dos Doze Passos para discussão e ensinamento em reuniões de novos em forma de cursinho com quatro aulas, uma por semana, correspondentes às quatro seções em que os Passos foram divididos: Discussão 1 – “A Admissão”, 1º Passo; Discussão 2 – “A Fase Espiritual”, 2º, 3º, 5º, 6º, 7º e 11º Passos; Discussão 3 – “Inventário e Restituição”, 4º, 8º, 9º e 10º Passos; Discussão 4 – “A Ação”, 12º Passo. Pela sua simplicidade e facilidade de compreensão, até hoje este modelo é utilizado e considerado um dos melhores métodos para introduzir nos novos membros o entendimento dos Doze Passos. Seu conteúdo e o roteiro para essas reuniões - que se repetem de forma contínua, isto é, termina um ciclo e na semana seguinte começa de novo, podem ser baixados no sítio <http://hindsfoot.org> na seção AA Historical Materials. No mesmo sítio pode ser encontrado, desprovido de qualquer retórica, o simplicíssimo e prático “O Guia Akron dos Doze Passos”, feito em 1939.*

#### **Apenas para referência:**

- ✓ A cada dois anos A.A.W.S. divulga um catálogo com suas publicações em inglês, francês e espanhol. O Catálogo 2009 – 2010 têm 40 páginas; apenas em inglês constam quase 200 títulos de livros, livretes, panfletos e material audiovisual, além de 60 títulos para portadores de necessidades especiais.
- ✓ A relação da literatura editada pela JUNAAB soma ao todo 60 títulos (11 livros, 41 livretes e folhetos, 6 literatura de serviços e 2 periódicos – Vivência e Bob Mural) .
- ✓ O livreiro, antiquário e bibliófilo Charlie Bishop, Jr., de Wheeling, Virgínia, publica todos os anos um almanaque com o ranking dos 50 livros mais

procurados referentes a A.A. No Almanaque 2010 aparecem os livros referentes a 2009 e os autores referidos acima aparecem nos seguintes lugares da lista: 1º e 2º Bill W. – Big Book e, Doze Passos e Doze Tradições; 8º William James – As Variedades da Experiência Religiosa; 19º e 24º Richmond Walker – 24 Horas Por Dia e, Os Sete Pontos de Alcoólicos Anônimos; 22º e 23º Ed Webster – O Pequeno Livro Vermelho e, Fezes e Garrafas.

*bishopbk@comcast.net*

- ✓ Este mesmo Charlie, conhecido como o Bispo dos Livros, passou muitos anos montando uma coleção de **15.000** livros, panfletos e outros materiais impressos publicados por e sobre o movimento de AA, que se tornou o núcleo da mundialmente famosa *Chester H. Kirk Collection* sobre alcoolismo e Alcoólicos Anônimos na *Brown University* de Providence, Ilha de Rhodes. <http://www.brown.edu/>.

## **2) A admissão na Irmandade de usuários de outras substâncias além do álcool**

A relação da Irmandade com outras dependências além do álcool começou cedo. Corria o Ano Dois de A.A. e um homem apareceu em um Grupo dizendo ao membro mais antigo “*sou vítima de uma outra dependência ainda mais estigmatizante que o álcool e o senhor poderá não me querer*” (Doze P. e Doze T. pg. 127/128). Quiseram e, ele jamais incomodou quem quer que fosse com seu outro problema. Em **1944**, entrou no escritório de uma casa-club de A.A. em Nova York, um homem pedindo ajuda. Ele era negro, e naquele Grupo não havia nenhum negro. Era ex-presidiário, seu cabelo estava tingido de loiro, usava maquiagem e disse que também era dependente de drogas. Os membros mais antigos não sabiam que atitude adotar. Consultaram Bill, que lhes perguntou se o homem era um bêbado. Diante da confirmação, Bill disse “*acho que é tudo que podemos exigir*”. O candidato foi convidado a assistir às reuniões e, embora logo desaparecesse, sua breve permanência somou-se a outros precedentes e, junto com a postura do agnóstico **Jim Burwell (1898 – 1974)**, (aquele que na discussão dos Doze Passos com Bill W. em **1938**, negociou a retirada do teor teológico cristão da palavra Deus incluindo o “*como cada um o conceba*”) constituiu o embasamento do que viria a ser Terceira Tradição, cujo enunciado é atribuído a Jim.

Embora os Grupos tivessem a prerrogativa garantida pela Quarta Tradição que lhes dá autonomia para aceitar ou não pessoas não-alcoólicas em suas reuniões abertas – nas fechadas continuam a não poder assistir porque não são membros de A.A., a aceitação destas pessoas foi pacífica e benéfica tanto para a Irmandade, que ajudou a tornar seu programa dos Doze Passos universal, como para os portadores de outras dependências que poderiam aplicar o programa para tratar seu/s outro/s problema/s criando grupos específicos independentes de A.A.

Em **1933**, nos estertores da *Lei Seca* (vigorou nos EUA desde **17/01/1920** até **05/12/1933**), o Serviço de Saúde Pública dos EUA, permitiu a criação de um programa de reabilitação para narcodependentes que previa internação para desintoxicação no hospital da Prisão Federal de Lexington, Kentucky; o programa chamava-se *Narco* e dele podiam participar pessoas adictas de fora do presídio desde que encaminhadas por órgãos competentes. Em **1947**, *Houston Sewell*, alcoólico e também adicto, membro do grupo de A.A. de Lexington, se interessou por esse programa e pediu a uma pessoa que tinha passado por aquele tratamento que o apresentasse ao *Dr. Victor Vogel*, médico responsável pelo programa na prisão o qual permitiu que Houston inicia-se um Grupo na instituição baseado nos Doze Passos de A.A.

A primeira reunião aconteceu em 16 de fevereiro de **1947**, e ao grupo foi dado o nome de *Adictos Anônimos*. Nesse mesmo ano retornou ao tratamento nessa instituição pela sétima vez *Daniel Carlson*. Além de fazer o tratamento, ingressou no Grupo de Adictos Anônimos, onde ele percebeu que poderia haver uma saída. Após uma estadia de seis meses retornou a Nova York e procurou uma sua conhecida, a Major *Dorothy Barry* do Exército da Salvação, comprometida em ajudar as pessoas pobres, moradores de rua e adictos em particular. Em **1948**, Daniel, Dorothy e uma mulher de nome *Rae López*, iniciaram um Grupo nos moldes da Prisão de Lexington na Prisão Federal de Nova York com o nome de *NA-12*, sendo NA, *Narcóticos Anônimos*. Este Grupo durou pouco tempo. Entretanto, o “*Modelo Lexington*” baseado nos Doze Passos, foi sendo adotado pelo Sistema Prisional Federal em vários Estados e obteve a adesão e grande divulgação por parte do Exército da Salvação e da YMCA (*Young Men's Christian Association* ou, Associação Cristã de Moços). Assim, de **1950** a **1953**, houve vários grupos surgindo em diferentes partes do país. Em Nova York e Chicago, orientados pelo Exército da Salvação. Nas prisões federais de Nova York, Kingston, Texas, Virgínia, etc. Estes grupos utilizaram-se de vários nomes: *Adictos Anônimos*, *Narcóticos Anônimos*, *grupo Narc*, *NARCO*, *Lorton*, *Notrol*, *DFH*, etc.



Jimmy Kinnon

A partir 17 de agosto de **1953**, o imigrante escocês *James Patrick Kinnon*, “*Jimmy K.*” (1911-1985), junto com mais cinco membros do Grupo de A.A. no Vale de São Fernando, na região de Los Angeles, Califórnia, onde Jimmy tinha ingressado em 2 de fevereiro de **1950**, todos adictos além de alcoólicos, começaram uma série de reuniões para criar um grupo específico para adictos independente de Alcoólicos Anônimos, porém que mantivesse seu programa de recuperação. Até então, o procedimento para se manterem em recuperação era participar das reuniões de A.A. como alcoólicos e ao final reunirem-se em separado para falar sobre suas adições, uma vez que não podiam falar delas em reuniões fechadas. Surgiu assim o *Grupo Vale de São Fernando de Alcoólicos Anônimos / Narcóticos Anônimos*, um misto de associação que eles chamaram de *AANA* ou *NAAA*.

Em 14 de setembro de **1953** receberam um comunicado da Irmandade de A.A. | dizendo que poderiam usar os Passos e as Tradições de A.A., mas não seu nome; substituiriam, então, as palavras alcoólico por *adicto*, alcoolismo por *adicação* e beber por *usar*. A partir daí a organização passou a denominar-se **Grupo Vale de San Fernando de Narcóticos Anônimos** e sua primeira reunião documentada ocorreu, no dia 5 de outubro de **1953**, com a presença de 17 pessoas. Essa data determina oficialmente a fundação de **Narcóticos Anônimos (NA)**, embora tenha havido muitos outros Grupos com diferentes nomes e os mesmos propósitos.



Naquela época, as leis em vigor criminalizavam os adictos apenas por simples associação e era uma ilegalidade quando dois ou mais deles ficavam juntos em qualquer lugar e a qualquer momento. Para fugir de batidas policiais faziam reuniões tipo “rabbit” - *coelho*, a cada vez numa “toca” diferente cujo endereço era conhecido na última hora. Mesmo assim, por medo da prisão e à condenação a penas elevadas, a frequência às reuniões era mínima e limitava-se a uns poucos adictos não pesados e que não tinham histórico policial; para ajudá-los vinha uma dúzia de membros de A.A. de grupos de Los Angeles. Então os fundadores foram ter uma conversa cara a cara com a chefia da Divisão de Narcóticos da Polícia de Los Angeles, e de lá saíram com a promessa de não serem molestados em seus locais de reunião desde que oferecessem a garantia de que eles (aquela comissão) se responsabilizariam pela ordem dentro no interior dos locais.

Desde Nova York, Bill W. acompanhava com interesse os acontecimentos e a evolução da aplicação do programa de A.A. como ajuda para o tratamento de outros problemas.

Em 11 de março de **1954** escreveu uma carta a **Betty Thom**, fundadora do movimento independente mais bem sucedido para a dependência de drogas, seguia a orientação dos Doze Passos e ficava em Vista, Califórnia; atendia pela sigla **DFH** (Drugs Forming Habit) - algo como *dependentes de Drogas Formadoras de Hábito*:

“Cara Betty:

*Um milhão de graças por me manter atualizado sobre o progresso com os toxicod dependentes. Acho tudo isso maravilhoso. Nesta fase, tenho certeza que a qualidade conta mais que a quantidade. É evidente que você tem feito um trabalho de tal qualidade que inspirou outros a fazerem o mesmo.*

*O que você pode-me dizer sobre o andamento dos outros grupos em Lexington e aqui no Leste que atendem pelos nomes de Adictos Anônimos e Narcóticos Anônimos?*

*...Eu também estou interessado em saber quantas pessoas você acha que realmente entraram no caminho da recuperação que sejam alcoólicos e usuários de outras drogas e aqueles que são unicamente usuários de outras drogas sem estar envolvidos com o álcool.*

*...Entretanto, o principal canal de transmissão aos adictos poderão ser os membros de A.A. que também sofreram pela adição. Aos adictos (não alcoólicos) não deverá ser colocado impedimento à sua presença nas reuniões abertas de A.A. Só mais uma pergunta: Será que alguns de seus recuperados não-alcoólicos encontra dificuldade em identificar-se*

*com outros membros de A.A.? Acho que eu lhe disse que tenho notado em muitos alcoólicos uma marcada aversão por adictos e vice-versa.*

*Eu gostaria de lhe escrever uma carta tão longa quanto você merece, mas minha mesa esta empilhada. Entretanto, Deus ama muito todos vocês.*

*Devotadamente, Bill Wilson.*

[http://www.na-history.org/history\\_of\\_na\\_scott.html](http://www.na-history.org/history_of_na_scott.html)

NA tem autores e literatura própria; a primeira edição de *Narcóticos Anônimos*, seu texto básico, foi publicada em **1983**.

Em **2007**, a Irmandade de NA contava com mais de 25 mil grupos espalhados por 127 países.

Em janeiro de **1971**, *Sonia M<sup>a</sup>*, mulher de Donald, co-fundador de A.A. em São Paulo, iniciou com duas pessoas um Grupo de *Toxicômanos Anônimos (TA)*, que se reunia às terças-feiras numa sala do primeiro andar da Igreja da Consolação, na Capital; logo se formaram mais grupos na cidade e se estendeu a outras cidades.

O primeiro Grupo com a denominação de *Narcóticos Anônimos (NA)*, no Brasil estabeleceu-se em **1985**, no Rio de Janeiro. Existiam, porém, grupos com diferentes nomes e o mesmo propósito baseados no programa dos Doze Passos de A.A.. Em 1990, estes grupos uniram-se à irmandade mundial de NA.

## **Outros Problemas além do Álcool**

Baseado na experiência da criação de grupos e instituições que usavam o programa de A.A. para fins distintos do alcoolismo, sendo vários entre **1947** e **1953** dedicados a adictos, Al-Anon em **1951**, Alateen em **1957**(\*), em fevereiro de **1958** Bill W. escreveu um artigo na Grapevine definindo como deveria ser a relação da Irmandade com as pessoas que a procuravam com outros problemas além do álcool. Deste artigo resultou o panfleto com o título acima, que foi um orientador naquela época e continua atual em **2010**. Para ajudar a formar sua opinião leia-o na íntegra; está disponível, para Grupos e interessados, nos ESLs com o código 220. O que segue é apenas uma síntese desse panfleto:

*“Tal vez não exista sofrimento maior que a drogadicção, sobretudo aquele produzido pela heroína, a morfina e outros narcóticos. Estas drogas perturbam a mente do adicto e sua carência atormenta de maneira atroz seu corpo.*

*Em A.A. temos membros que experimentaram grandes recuperações, tanto da garrafa quanto da agulha. Também temos membros que foram – e ainda o são, vítimas da dependência de pílula, narcóticos e até tranqüilizantes.*

*Portanto, o problema da drogadicção diz respeito a todos nos. Muitos AAs, particularmente aqueles que sofreram com a adicção, agora se perguntam: ‘O que podemos fazer a respeito do problema das drogas, dentro e fora da Irmandade?’.*

*Devido ao fato de já existirem vários projetos para ajudar os usuários de drogas que fazem uso dos Doze Passos e nos quais também trabalham membros de A.A., surgiram*



várias perguntas a respeito de como estes esforços bem sucedidos podem ser relacionados com os Grupos de A.A. e com a Irmandade em seu conjunto.

(Na seqüência, o transcritor acrescentou as respostas e algumas considerações de **escolha pessoal** contidas ao longo do panfleto, diretamente às perguntas surgidas. Para fazer uma melhor avaliação acompanhe as considerações em seu próprio panfleto):

**1. Pode um não-alcoólico dependente de fármacos ou outras drogas tornar-se um membro de A.A.? => Não.**

- ✓ A abstinência ao álcool através da pratica dos Doze Passos é o único propósito de um Grupo de A.A.
- ✓ A experiência com o álcool é a única coisa que todos os membros de A.A. têm em comum.
- ✓ Temos que limitar os membros da Irmandade aos alcoólicos e nossos Grupos a um único propósito, que é o de levar a mensagem a outros alcoólicos. Se não nos agarrarmos a estes princípios fracassaremos, e se fracassarmos não poderemos ajudar ninguém.
- ✓ Temos que reconhecer o fato de que nenhum indivíduo não-alcoólico, seja qual for sua aflição, poderá algum dia converter-se em um membro de A.A.

**2. Pode tal pessoa ser levada, como visitante, a uma reunião aberta de A.A. para ajuda e estímulo? => Sim**

- ✓ Embora não possam ser membros da Irmandade, os adictos não-alcoólicos como qualquer outra pessoa não-alcoólica, poderão assistir às reuniões abertas desde que os Grupos consintam.

**3. Pode alguém que toma fármacos ou drogas, e também ter um histórico alcoólico, tornar-se um membro de A.A.? => Sim**

- ✓ Muitos dos primeiros membros de A.A. tiveram a impressão quase cômica de que eram alcoólicos puros sem qualquer outro problema grave. Com aparecimento dos primeiros presidiários e drogadictos esse conceito felizmente mudou.
- ✓ Qualquer pessoa com qualquer dependência ou problema pode ser convidada a tornar-se membro de A.A. somente se uma de suas dependências ou problema for o álcool.

**4. Podem os AAs que sofrem de alcoolismo e de outra dependência formar eles mesmos “grupos de propósitos especiais” para ajudar outros AAs que estão tendo problemas com drogas? => Sim**

- ✓ Embora isto diga respeito unicamente à vontade do indivíduo e não do Grupo ou da Irmandade, estes membros deveriam ser incentivados a desenvolver esse trabalho.

**5. Poderiam tais “grupos de propósitos especiais” denominarem-se um Grupo de A.A.? => Não**



- ✓ Os grupos criados por membros de A.A. para outros fins que não o único propósito da procura da abstinência ao álcool através da prática dos Doze Passos, não poderão denominar-se Grupos de A.A. nem incluir o nome de A.A.
  - ✓ A título de exemplo, o primeiro grupo de propósitos especiais surgido na Irmandade foi a Fundação do Alcoólico criada em 1938 por alcoólicos e não-alcoólicos predecessora da atual Junta de Custódios. Mesmo sendo um órgão de serviço, é o único grupo não AA que usa o nome de A.A. (JUNAAB)
6. Poderia também tal grupo incluir não-alcoólicos que usam drogas? => Sim
- ✓ Entretanto, a aceitação ou não é de competência exclusiva desse grupo.
7. Se puder, deverão esses não-alcoólicos que usam fármacos ou drogas se considerarem membros de A.A.? => Não
- ✓ Não deverá fazer-se crer aos não-alcoólicos que participam destes grupos que são membros da Irmandade.
8. Há qualquer objeção se AAs com dependências cruzadas juntarem-se a outras Irmandades, tais como Narcóticos Anônimos? => Não
- ✓ Foram membros de A.A. com outros problemas e dependências além do álcool que formaram e ajudaram a consolidar outras Irmandades paralelas, particularmente as duas mais conhecidas, **Narcóticos Anônimos (NA)**, em 1953 e **Neuróticos Anônimos (N/A) (\*\*)**, em 1964.
  - ✓ Qualquer AA interessado tem bons motivos para se juntar a essas ou outras irmandades sempre que considere que poderá ajudá-lo a resolver seus outros problemas e com isso também ajudar outras pessoas.

Em A.A. existem algumas poucas restrições ao que os Grupos podem fazer, e quase nenhuma ao que seus membros podem fazer. Se o membro lembra-se de preservar as Tradições e do não envolvimento com assuntos alheios à Irmandade, poderá levar a mensagem de A.A. a qualquer área conturbada deste mundo turbulento”.

**Fim da transcrição do panfleto.**

## (\* ) Al-Anon e Alateen



Lois Burnham

Os **Grupos Familiares Al-Anon** são uma associação de parentes e amigos de alcoólicos que compartilham sua experiência, força e esperança a fim de solucionar os problemas que têm em comum. Acreditam que o alcoolismo é uma doença que atinge a família e que uma mudança em suas atitudes pode ajudar na recuperação.

Foram co-fundados por **Lois Burnham (1891-1988)**, casada com Bill W. durante exatos 53 anos, em 1951, quando ela tinha 60 anos de idade, junto com sua amiga e vizinha **Anne B.**, esposa de um AA. O primeiro Grupo iniciou-se na sua casa (*Stepping Stones*), em

*Bedford Hills, no condado de Westchester, NY, após uma série de consultas e reuniões com as mulheres dos Delegados à Primeira Conferência de Serviços Gerais, ocorrida naquele ano, e as mulheres dos AAs dos Grupos locais.*

*Em 1957, Lois fundou o primeiro Grupo de Alateen que é uma Irmandade formada pelos membros jovens de Al-Anon e adolescentes em geral que tiveram sua vida afetada pela maneira de beber de outra pessoa.*

*Existem mais de 24.000 grupos de Al-Anon e 2.300 grupos de Alateen em mais de 115 países.*

<http://silkworth.net/aahistory/loiswilson.html>

*Em 1965, no Rio de Janeiro, o Grupo Vigilante de A.A. em suas reuniões abertas aos domingos abria espaço para palestras destinadas aos familiares que ali compareciam e incentivando assim o começo dos Grupos Familiares Al-Anon naquele Estado, o que veio a dar-se em 18 de dezembro de 1965, com a fundação do 1º Grupo Al-Anon no Brasil. Segundo consta, o primeiro grupo foi formado com a presença de 11 familiares de alcoólicos, sendo suas fundadoras **Sandra P.** e **Bernadete A.** Entretanto, em julho de 1966 deixava de funcionar.*

*Em 17 de agosto de 1966, em São Paulo-SP, **Sônia M<sup>a</sup>** (esposa de Donald M. Lazo co-fundador do Grupo Sapiens em São Paulo) e **Lygia** formaram o primeiro grupo de Al-Anon em São Paulo que também foi o primeiro Grupo Al-Anon do Brasil a ser registrado no ESM - Escritório de Serviços Mundiais em 03 de novembro de 1966, sendo, por este fato, considerado o pioneiro dos Grupos Familiares Al-Anon no Brasil.*

## **(\*\*) Neuróticos Anônimos**



*Neuróticos Anônimos (N/A) é uma Irmandade formada por homens e mulheres que compartilham suas experiências, fortaleza e esperança para resolverem seus problemas emocionais comuns e dessa forma se reabilitarem da doença mental e emocional.*

*Em uma carta dirigida a uma pessoa de nome **Ollie**, na Califórnia em 4 de janeiro de 1956, Bill manifestou seu desejo de apoiar alguém que pretendesse criar uma Irmandade para tratar de problemas emocionais com o formato de A.A., após ler o livro **Neuroses e Desenvolvimento Humano** escrito em 1950 pela psicanalista e psiquiatra alemã, de Hamburgo, radicada nos EUA, **Karen Horney (1885 – 1952)**.*

*A Irmandade foi criada oito anos mais tarde, em 3 de fevereiro de 1964, em Washington, DC, EUA, pelo psicólogo **Grover Boydston (1924 – 1996)**. Grover tinha tentado o suicídio cinco vezes antes dos 21 anos e, como Bill W. era neurótico e alcoólico.*

*Em 1956 ingressou em A.A. e descobriu que a prática dos Doze Passos também lhe estava ajudando a tratar a neurose. Para comprovar a experiência, ele incentivou uma cliente de seu consultório, não-alcoólica, a praticar os Doze Passos e o resultado foi satisfatório. Então escreveu para A.A.W.S. pedindo permissão para usar os Doze Passos*

substituindo a palavra “álcool” do Primeiro Passo, por “nossas emoções”. A permissão foi concedida.

[http://en.wikipedia.org/wiki/Emotions\\_Anonymous](http://en.wikipedia.org/wiki/Emotions_Anonymous)

No Brasil, N/A foi introduzida por Sonia M<sup>a</sup>, mulher de Donald, co-fundador de A.A. em São Paulo, em abril de 1969, na cidade de São Paulo. Hoje, além dos grupos de N/A existentes na capital paulista, outros grupos já se encontram também funcionando regularmente em muitas outras cidades, situadas em diversos Estados do nosso País. A média de frequência às reuniões é de vinte pessoas aproximadamente.

Quando Bill escreveu este artigo em fevereiro de 1958, seu teor poderia muito bem ser considerado um *manifesto*, uma vez que ele pessoalmente carregava pelo menos quatro problemas além do álcool, com os quais poderia ter feito um pacote e incluí-los no programa de A.A. em seu próprio benefício. Não o fez. Deu com isso uma lição de coerência com a 3<sup>a</sup> e a 5<sup>a</sup> Tradições que têm o *alcoholismo* como objetivo e propósito único da Irmandade e de respeito à 12<sup>a</sup> Tradição que prega os princípios acima das personalidades. Os problemas conhecidos e reconhecidos por ele próprio foram:

- 1) Depressivo crônico desde os onze anos de idade teve vários surtos repentinos e inesperados ao longo de sua vida. Em 1958 fazia pouco mais de dois anos que ele tinha saído de uma crise depressiva iniciada por volta de fevereiro de 1944 e que o atormentou, até fisicamente, durante onze longos anos. Este tinha sido seu primeiro encontro com a depressão depois de parar de beber.
- 2) Em fevereiro de 1958, Bill encontrava-se no meio de uma encruzilhada na qual tinha entrado em agosto de 1956, quando, usando como argumento a busca de tratamento para o alcoholismo, Bill deu início a uma experiência com o LSD, à época uma droga lícita, produzida pelo laboratório suíço *Sandoz*, usada experimentalmente por dois psiquiatras conhecidos seus - os Drs. *Humphry Osmond* e *Abram Hoffer*, como auxiliar no tratamento de alguns distúrbios sexuais, da esquizofrenia e do alcoholismo crônico. Alegava ele que seus efeitos eram semelhantes à experiência espiritual obtida no Towns Hospital em dezembro de 1934 (pg. 405 do livro *Levar Adiante*) ou seja, o “*esvaziamento do ego*”. Os membros de A.A. de forma geral consideravam essa experiência irresponsável e em desacordo com a proposta dos princípios espirituais da Irmandade que ele próprio havia concebido. Convencido pelos companheiros decidiu abandonar a experiência, porém encontrou dificuldades para fazê-lo sozinho e, orientado pelo Dr. *Jack L. Norris* conseguiu se afastar do uso em 1959.

Devido ao imenso poder alucinógeno e aos problemas sociais que seu uso indiscriminado e a falta de controle acarretavam, o Canadá foi o primeiro país a proibir o uso do LSD em 1963, para uso científico ou recreativo.

- 3) Tabagista inveterado, nunca conseguiu sucesso em suas tentativas de deixar de fumar nem sequer quando, por volta de 1960, lhe foi diagnosticado o enfisema pulmonar que o levaria à morte em janeiro de 1971; somente um ano antes de morrer **substituíram-**

lhe o cigarro por um cilindro de oxigênio. (Este transcritor, também portador desse mal, embora livre do tabaco após seu diagnóstico em **2003** quando chegou a pesar 38 kg, avalia perfeitamente a frustração, a dor e o desespero de precisar largar o cigarro e não conseguir se abster dele assistindo à própria degeneração física e sentindo a vida se esvaír diante da insuficiência de todo ar do universo para poder respirar).

- 4) Hipocondríaco, buscava obsessivamente em fármacos e produtos de laboratório os remédios para quaisquer males, reais ou imaginários, inclusive para o alcoolismo.

### 3) A Lei Hughes



O Senador Hughes e Marty Mann

Em **1970** foi aprovada pelo Congresso dos EUA uma lei elaborada pelo senador **Harold E. Hughes (1922 – 1996)** que criava o *Instituto Nacional para o Abuso do Álcool e do Alcoolismo* (NIAAA), a PL91-616. Para a elaboração desta lei o senador Hughes - que tinha sido Governador do Estado de Iowa e seria candidato à presidência dos EUA, também era membro de A.A. desde **1952** em Ida Grove, Iowa - realizou audiências públicas entre os dias 23 e 25 de julho de **1969** das quais participaram entre outros, **Marty Mann (1904 - 1980)** - “a primeira dama de Alcoólicos Anônimos”,

fundadora do *Conselho Nacional para o Alcoolismo*(ANC), e Bill W. co-fundador de A.A. Outros alcoólicos em recuperação foram convidados mas não compareceram por considerar as audiências uma ameaça ao anonimato.

Esta lei oferecia subsídios e incentivos com dinheiro público para que os Estados desenvolvessem programas públicos e particulares criassem centros de tratamento para auxiliar as pessoas dependentes do alcoolismo. Atrás dessa mina de ouro correram centenas de investidores e profissionais das mais diversas áreas. Ficou ainda mais empolgante em **1974** quando o Congresso aprovou um aditivo àquela lei e criava o *Conselho Nacional sobre Alcoolismo e Toxicod dependência* (NCADD),

<http://www.well.com/user/woa/harolde.htm>

Muitos destes programas e centros de tratamento passaram a ser executados e dirigidos por pessoas e profissionais, psiquiatras e psicoterapeutas, sem a devida capacitação apenas visando o comercio, criando teorias a respeito do tratamento que eles consideravam o mais lucrativo, escrevendo livros e panfletos que vendiam a cura para o álcool e as drogas e, muitos deles ostensivamente hostis à Irmandade e ao programa de A.A. Estas clinicas oportunistas criadas a toque de caixa foram atropelando as clinicas mais tradicionais para o tratamento sério do alcoolismo e outras dependências que contavam com profissionais especializados e capacitados para esse fim e eram conduzidas e administradas de maneira

responsável. Àquela altura a Irmandade já desfrutava de ampla aprovação da sociedade e seu modelo tinha sido usado como referência para a discussão da lei que tinha criado tudo aquilo, no sentido de indicar que o alcoolismo podia ser detido.

Então centenas de alcoólicos começaram a sair destes centros após uma lavagem cerebral feita por estes profissionais da saúde mental convencidos de que teriam uma recuperação satisfatória desde que seguissem aqueles *procedimentos científicos*.

Muitos dos egressos das clínicas não conseguindo a recuperação pelos ditos procedimentos científicos passaram a procurar a Irmandade, porém, levando consigo os livros, panfletos e modelo de tratamento desses centros e tratando de incorporá-los e sobrepô-los ao programa de A.A. e se apresentando unicamente como adictos mesmo também sendo alcoólicos e sustentando que o álcool era uma droga tal qual e que o programa se aplicava à sua condição ignorando propositadamente que o programa de A.A. se baseia em princípios universais, portanto utilizável por qualquer pessoa interessada, enquanto a Irmandade de A.A. foi criada unicamente para alcoólicos sem importar que, além dessa condição, sejam homens, mulheres, índios, esquimós, negros, brancos, esquizofrênicos, neuróticos, adictos a outras drogas, presidiários, obesos mórbidos, profissionais liberais, homossexuais, empregados, desempregados etc. Esta postura de confronto dos advindos das clínicas com as Tradições da Irmandade causou problemas imediatos.

Para enfrentar essa situação, a estratégia mais simples e fácil que muitos veteranos, tomados pelo *medo e a insegurança* (colocados acima por Bob Pearson), encontraram foi a de dizer que não se poderia ler nem discutir outro tipo de literatura que não a aprovada pela Conferência e a incitar e doutrinar os novos contra esse tipo de influência que por sua vez passaram a pressionar as Intergrupais e os próprios grupos a não distribuir nem vender nenhum outro tipo de literatura, incluindo aí a recomendada pelos veteranos e pioneiros, tais como “*Vinte e Quatro Horas por Dia*”, “*O Sermão da Montanha*”. “*A Bíblia*”, “*O Pequeno Livro Vermelho*” etc., reduzindo o programa de A.A. à interpretação de uma única pessoa, no caso Bill W. e à vontade dos “donos” de Grupo.

Quanto aos declarados “*cruzados*”, Grupos começaram a recebê-los com reservas quando não animosidade, a fazer triagens e excluí-los dos Comitês de Serviço e a proibir-lhes falar de suas outras condições, revertendo uma situação que, até a chegada massiva dessas clínicas com seus tratadores e seus investidores, era considerada pacífica e normal em boa parte dos Grupos, desde a chegada em **1944** do primeiro membro declaradamente homossexual e adicto além de negro, num país escancaradamente racista, para tratar de seu problema com a bebida, o qual é o único propósito da Irmandade (ver adiante “*Outros problemas além do álcool*”).

Essa situação gerou preconceitos e desconforto nos Grupos a tal ponto que em **1978** o GSO, Escritório de Serviços Gerais, emitiu uma declaração oficial no seu Boletim, o *Box 4-5-9* (o equivalente ao Bob Mural da JUNAAB):



#### **GSO Box 4-5-9 1978 (volume 23, nº 4)**

*“O termo ‘Aprovado’ descreve todo material escrito ou audiovisual aprovado pela Conferência para sua publicação pelo GSO (Escritório de Serviços Gerais). Este processo garante que o material aprovado está em consonância com os princípios de A.A. e lida unicamente com o programa de recuperação e informações relativas à Irmandade e significa basicamente que os Delegados à Conferência aprovam o uso do dinheiro do GSO para a impressão, gravação e distribuição desse material.*

*O termo ‘Aprovado’ não tem relação com material não publicado pelo GSO. Não implica na desaprovação pela Conferência de outras matérias sobre A.A. Uma grande parte da literatura útil para alcoólicos tem outras fontes e A.A. não tenta dizer a qualquer membro individualmente o que ele pode ou não ler.*

*Os membros de A.A. podem ler todos os livros que eles acreditem que poderão ajudá-los em sua recuperação e no crescimento espiritual. Os Grupos de A.A. poderão dispor da literatura que seus membros desejem para leitura nas suas reuniões. As Intergrupais e escritórios poderão vender qualquer literatura escolhida por eles”.*

<http://hindsfoot.org> na seção AA Historical Materials

#### **4) As clínicas e os profissionais**

A partir de **1990**, grande parte das clínicas oportunistas começou a fechar SUS portas porque os resultados obtidos já começavam a desmerecê-las uma vez que seus lucros eram obtidos em grande parte pelo rápido retorno de clientes cuja abstinência durava umas poucas semanas ou meses. Aqueles modelos de terapia criados a toque de caixa mostraram-se inapropriados e inúteis e, grande parte dos *psico-livros* acabou encalhado nas prateleiras das livrarias.

A situação voltou aos poucos à normalidade pré-avalanche, as clínicas que tinham mostrado seriedade e competência antes do aparecimento da lei Hughes emergiram com maior prestígio, e os profissionais da área que não se deixaram levar pela onda mantiveram-se em seus consultórios ainda mais fortalecidos. Embora muitos profissionais ainda tenha resistência ao programa ou à própria irmandade, em novembro de **1949**, a *Associação Americana de Psiquiatria* reconheceu e validou o programa de A.A. em **1951**, a *Associação Americana de Saúde Pública* concedeu a Alcoólicos Anônimos o *Prêmio Lasker*, em “reconhecimento formal do êxito de A.A. no tratamento do alcoolismo como doença e na eliminação de seu estigma social”.

Grande amigo de A.A., o psicanalista brasileiro *Dr. Eduardo Mascarenhas (1942-1997)*, escreveu um artigo chamado “*Os Grupos Anônimos no Século XXI*” e nele diz: “*E, justiça seja feita, cada vez mais médicos e psicanalistas vêm mantendo excelentes relações com os grupos anônimos. Claro que há exceções: alguns, por desconhecimento ou preconceito, já não agem assim; outros, por excessiva vaidade profissional, pela presunção de que tudo sabem e tudo podem, também não; isto sem contar, é óbvio, aqueles que*



*hostilizam os grupos anônimos movidos por interesses inconfessáveis - temem perder clientes ou o monopólio de salvadores da humanidade adoecida ou aflita”.*

## **Conclusão**

Ingressamos na Irmandade com o único propósito de *parar de beber* – 3ª Tradição, levar a mensagem unicamente aos *alcoólicos* independentemente de outros problemas que possam ter – 5ª Tradição e, não opinamos sobre questões alheias à irmandade – medicina, religião, dependência química, problemas de ordem emocional, etc. – 10ª Tradição. Quando um membro de A.A. se apresenta para uma divulgação como dependente químico mesmo se dizendo alcoólico aproxima-se do charlatanismo uma vez que sugere que A.A. entende e trata dessa outra condição, o que não é verdade e isso soa como uma sinfonia para os donos de clínicas oportunistas (a minoria), que se aproveitam disso para indicar os Grupos de A.A. mesmo para os não-alcoólicos. Foi a inobservância a estas três Tradições que fez com que a Irmandade entrasse em estado de alerta em seu próprio território, nos EUA. Felizmente a Irmandade mostrou “*a capacidade de se auto-corriger*”, como Bill acreditava. Também ficam sinalizadas algumas das pedras nas quais setores do A.A. brasileiro estão tropeçando e que será preciso remover, como o preconceito indiscriminado contra clínicas (sérias a maioria), seus profissionais e acima de tudo contra os que procuram um grupo depois de passar por uma clínica ignorando sua contribuição ao compartilhar o conhecimento adquirido por essas pessoas tanto da doença quanto do entendimento do programa, porém, acima de tudo lhes negando a oportunidade de se recuperarem que A.A. deu a todos nós; também a marginalização da diversidade, a limitação da literatura, a teocratização fundamentalista do programa, a deificação e o culto à personalidade, etc.

Em dez de junho de **2010**, A.A. faz 75 anos; ficam faltando 925 para chegar aos mil anos que Bill preconizou. Entretanto, apesar dos percalços que ainda virão, “*Se nos mantivermos próximos às nossas Tradições e Garantias e se mantivermos a mente aberta e um coração aberto, podemos lidar com esses e outros problemas*” como disse acima Bob Pearson. Alcoólicos Anônimos chegará lá.

*P.S.: Muito obrigado por chegar até aqui. Se você se interessou, pode utilizar o artigo da maneira que melhor lhe aprouver.*